

QUANDO
A PENUMBRA
VEM

JAUME CABRÉ

QUANDO A
PENUMBRA VEM

QUAN ARRIBA LA PENOMBRA

TRADUÇÃO DE
Miguel Filipe Mochila

Esta tradução teve o apoio de:

 **institut
ramon llull**
Língua e cultura catalã

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I X

ÍNDICE

OS HOMENS NÃO CHORAM	II
A SOLDADO	45
POLDO	51
BUTTUBATTA	59
PANDORA	75
CLAUDI	87
PARAÍSO	101
NUNC DIMITTIS	117
BALA DE PRATA	131
PONTO DE FUGA	143
AS MÃOS DE MAUK	195
TESEU	223
O EBRO	231
EPÍLOGO	243

© 2019, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *Quan Arriba la Penombra*
© Jaume Cabré, 2017

Título: *Quando a Penumbra Vem*
Autor: Jaume Cabré
Tradução: Miguel Filipe Mochila
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)
a partir de *Ritratto d'uomo* de Antonello da Messina

1.ª edição: Julho de 2019

ISBN 978-989-671-495-6
Depósito Legal n.º 457105/19

para a Margarida

Respeito os mortos, mesmo quando ainda estão vivos.

EMMANUÏL ROÏDIS

Morrer não é assim tão difícil.

MANFRED

Juro-lhe que foi um acidente.

ANÓNIMO POPULAR

OS HOMENS NÃO CHORAM

I

— Papá, não me deixes sozinho.

— Não vais ficar sozinho. Olha, olha. Vês? Tantos meninos no recreio!

— Quero voltar para casa.

— Não pode ser.

— Então fica aqui comigo.

— Não digas disparates!

— Papá...

— Vá lá, caraças, não chores.

— E a mamã?

— Já te disse para não chorares! Lembra-te: os homens não choram.

— Papá...

— Venho visitar-te no domingo, está bem?

— Papá.

— Fracote. Vá lá, dá-me um beijo. Vá, caraças, um beijo! Ah, não queres? Então no domingo não venho. Tu é que sabes. E vê se obedeces, hã? Não quero receber nenhuma queixa pelo teu comportamento.

Sombras novas, desconhecidas, ameaçadoras; misteriosos barulhos e rumores que nunca antes ouvira durante a noite. O tossir de crianças anónimas. De olhos abertos, decidiu que não ia

dormir para se conseguir defender do ataque de um qualquer monstro das sombras. Com os olhos esbugalhados, invejou um ressonar suave que se ouvia perto. Pensou que a noite ia ser muito longa. E, sobretudo, porque é que o papá... Como é que... E então as sombras fizeram-se mais turvas e atreveu-se a dizer mamã... O que é que se passa, mamã?

Um berro! No dia seguinte apanhou um susto enorme. Apercebeu-se de que tinha adormecido, apesar do medo, indefeso contra os monstros. E que agora uma voz forte e furiosa lhe dizia, tu, ei, sim, tu, Tu, pensas que és o príncipe do quarto número três? Vá, levanta-te! E os lençóis no chão e as crianças a começarem a andar de um lado para o outro muito depressa, em silêncio, com uma toalha e uma escova de dentes que Tu não tinha e porque é que o papá não quer que, se eu podia estar em casa e, Não? Como ainda não sabia onde era a casa de banho, optou por se sentar na cama e desatou a chorar. Então, a cara horrível de onde aquela voz assustadora saía pôs-se à altura da sua cara, a um palmo do seu nariz, e soltou um grito medonho que o fez tombar na cama, apavorado. Aquela cara, de pómulos excessivos e bochechas vermelhas, metia medo. E ao gritar assim tão alto mais medo metia. Depois soube que se chamava Enric, mas toda a gente o tratava por Henricus. Um tanto corado, de voz áspera, estava incumbido de acordar as crianças, de vigiar o pátio durante os intervalos, para que nenhum menino tentasse saltar a cerca de arame farpado e se transformasse numa azeitona dessas que espetam no vermute, sabem como é, não sabem?, e também estava incumbido de reparar o raio das máquinas de lavar roupa e de regular o aquecimento. E era o barbeiro. E tocava-nos no banho. E fazia outras coisas, de certeza, porque andava sempre às voltas

pela casa a vigiar todos os detalhes, para não lhe escapar nada. E depois havia as cozinheiras e o hortelão das traseiras. E freiras que voavam silenciosas pelos corredores, com aquelas asas de gaivotas nas cabeças, e que nos davam aulas de inutilidades diversas, menos a soror Matilde, que era a única que nos olhava nos olhos e de vez em quando nos beliscava as bochechas e nos fazia sorrir. E ensinava-nos a ler quando não sabíamos. E acima dela a madre superiora, que tinha um olhar maligno. O Tomás estava sempre a dizer que era como o do diabo. E a ti, porque é que ninguém te vem ver?

— Não te metas onde não és chamado. Estás a ouvir?

E nunca mais ninguém mo perguntou. Mamã, o papá nunca vem.

— Tomás.

— Que foi?

— Tens a certeza?

— De quê?

— De que o olhar da madre superiora é como o do diabo?

Trezentas crianças na casa. Trinta crianças no quarto número três. Três amigos: Toni, Ton e Tomás. E ele, que foi o último a vir. E não se atrevia a perguntar a ninguém porque é que é precisamente o meu pai que nunca vem. É verdade que ainda pode vir? A quem é que o podia perguntar? E porque é que não posso dizer à madre superiora que o Henricus me toca quando estamos no banho?

— Porque te vai mandar para o inferno num piscar de olhos.

— Não gosto que o Henricus me toque.

— Pois olha, aguenta.

— Ei, ei, ei! — reagiu Tu, após uns segundos em silêncio.

— Que foi agora?

- O inferno é para os mortos. E eu estou vivo!
- Então primeiro mata-te e depois manda-te para o inferno.
- Bolas.

Papá, é outra vez domingo. O que é que andas a fazer? Ainda não vieste e já passaram muitos domingos, papá. Nunca vieste. Hoje o tio do Ton trouxe-me um saco de rebuçados. Vou guardá-los debaixo da almofada. Quero que me duresm muitos anos, se por acaso te esqueceres de vir. Mamã...

Henricus puxou-lhe a orelha e arrastou-o até meio do corredor, ai, ai, ai, ai, ai, dói, dói, dói, dói! A orelha vermelha como um tomate, e aquela horrorosa dor que nunca mais passava.

— Não sabes que não se pode guardar comida na cama? Não sabias, Tu?

— É que no armário ainda ma roubam.

— Estás a chamar ladrões aos teus colegas? Isso é muito feio. Muito feio!

- Mas um dia...
- Aqui ninguém rouba nada e ponto final.
- Mas é que...
- Quem é que te ia roubar, vá, diz lá. Dá-me nomes.
- Não sei. Não sei quem é que anda a roubar as minhas coisas.
- Queixinhas!
- É que não sei...

Outro puxão de orelhas e Henricus a encostar-lhe a boca à orelha e a gritar, imitando-o, é que não sei, é que não sei. O que interessa é falar mal dos outros. Dá-me cá esses rebuçados, vá.

Alguns miúdos riram baixinho, porque é sempre melhor estar do lado dos mais fortes, e Henricus ganhava sempre. E era por isso que riam. Eu também o fiz algumas vezes.

- Ofereceu-mos a... minha mãe.
- A tua mãe não te pode trazer rebuçados, desgraçado!
- Pode sim!
- Não pode! Está morta!
- Não, senhor!
- Uma pessoa morta não pode oferecer rebuçados, idiota, e menos ainda uma suicida, entendes, cara de cu? — E fez um gesto autoritário com a mão. — Dá-me os caramelos, vá!

E no dia seguinte, ainda com a orelha vermelha, no banho, porque era sábado, o Henricus, que usava um apito para apressar as crianças, para não se distraírem, mandando voltar para debaixo de água quem ainda não se tinha enxaguado bem e ensaboado esta ou aquela parte da cabeça, tocou-me e disse-me se te portares bem nunca mais te puxo as orelhas. E eu portei-me sempre bem, mas ele não me devolveu os rebuçados da minha mãe. E cumpriu a palavra: daquele dia em diante deixou-me as orelhas em paz, mas em vez disso dava-me uma chapada seca que doía muito, muitíssimo. E as freiras, voando silenciosas pela casa, e até a soror Matilde, surdas para o rumor das minhas lágrimas, porque o Henricus me bate e me toca e porque o meu pai nunca mais vem. E eu não queria enfrentar o olhar diabólico da madre superiora por nada deste mundo. E um dia os meus amigos, quando estávamos sozinhos, depois de darem umas cotoveladas entre si, decidiram que seria o Tomás a perguntar-me, com aquela sua delicadeza, o que eu temia que me perguntassem:

— Como é que a tua mãe se matou? Hã? Quando foi isso? Há muito tempo? Hã? Porquê? Viste-a morta? Enforcada? Ou como é que foi? Hã?

E eu desatei a correr por um corredor ainda desconhecido, tapando as orelhas com as mãos pois não queria ouvir mais nada

e porque sentia uma enorme vergonha de me verem a chorar, e foi assim que descobri a sala das caldeiras, onde não entram nem os ratos, a não ser que haja alguma avaria. E nunca mais me perguntaram pela minha mãe.

Demorei muito tempo a perceber porque é que o Henricus nos chamava, de vez em quando, carne para canhão. Um dos mais velhos, de dez ou mais anos, riu a bandeiras despregadas da minha ingenuidade e explicou-me que não era carne como a que tão raramente nos davam a comer, ele estava a referir-se a nós, percebes, Tu? E eu disse, ah, sim, claro, mas não percebi que espécie de bifés é que nós éramos. Quando tinha treze anos já percebia tudo claramente, então sim, e depois admirei a clari-vidência daquele líder que nos fazia seguir pelo caminho certo. E as freiras voadoras ensinavam-nos inutilidades num castelhano difícil de perceber, numa aula presidida por um Jesus crucificado e pelas fotografias dos dois ladrões de gel e uniforme, um de cada lado.

2

A primeira vez que planeámos matar o Henricus foi depois de termos lido e relido os quatro a banda desenhada do *Mascarilha* e do *Capitão América*, que circulava às escondidas das freiras. Já nessa altura nos escapulíamos para os campos das traseiras pela janela de vidro partido da sala das caldeiras, que eu tinha descoberto. Um dia reunimo-nos atrás das macieiras da horta, depois do poço que nos servia de muro, para o caso de alguém da casa olhar para aquela zona. Tínhamos-lhe estudado os movimentos: aos sábados e aos domingos à tarde, o Henricus saía para gastar

dinheiro e uma vez por outra ia a um baile, mas voltava sempre ainda mais irritado.

— É porque não tem sorte com as mulheres — sentenciou o Tomás, que era o mais instruído dos quatro.

— Ah, ok — disse eu, muito sério. E os outros também fizeram um gesto como quem compreende perfeitamente o que ele estava a dizer.

— Tem de ser um plano perfeito.

— Claro.

— Sim, mas arranjar um plano perfeito não é fácil.

Depois de deliberarmos longamente, decidimos que nos reuniríamos à meia-noite e subiríamos às águas-furtadas, onde ficavam os quartos do Henricus e das cozinheiras e dos outros empregados que não tinham para onde ir.

— E abrimos a porta de repente, saltamos para cima dele e asfixiamos-lo com uma almofada.

— É o que se chama aproveitar o factor surpresa — precisou o Tomás. E todos nos sentimos importantes pela primeira vez na vida.

— E temos de eliminar todas as pistas.

— Eu acho que devíamos pintar o Z do Zorro na parede.

— É uma excelente ideia, obrigado, Tu. Assim ninguém vai desconfiar de nós, mas de alguém de fora.

— Sim: do Zorro — corroborou o Toni, maravilhado com a minha astúcia.

E assim fomos aperfeiçoando o plano. Até ao mais mínimo detalhe. O Toni surriprou três facas de sobremesa, para o caso de a vítima tentar resistir.

— E se se armar em parvo, cortamos-lha.

— Cortamos-lhe o quê? — perguntou Tu, curioso.

— A picha, homem.

— Ah, ok. — Silêncio cuidadoso. — Que é isso, a picha?

— A pila.

— Ah, ok.

Na noite combinada, tropeçámos com um escolho imprevisto: deitámo-nos nas nossas respectivas camas com os olhos esbugalhados, dispostos a ficar de plantão, mas quando a meia-noite finalmente chegou estávamos os quatro a dormir profundamente. No dia seguinte, decidimos dar-nos uma nova oportunidade e pensámos que o melhor seria levantarmo-nos assim que a irmã Eugènia apagasse a luz e saísse do quarto número três, e esperarmos ao lado das camas. De pé, como uns heróis.

— Ei, Tu! O que é que estás a fazer levantado?

— Nada.

— Olha que ela pode voltar, a... Queres que ralhem connosco ou quê?

— Chiu, fala baixo. É que tenho uma cáibra e...

— Se quiseres vou chamar a irmã ou o Henricus.

— Não. Isto já passa. Vá, dorme!

— Tu é que sabes.

E o meu vizinho da esquerda deitou-se, parecendo ligeiramente ofendido. No escuro, vi outras três sombras que também estavam a sentir umas cáibras quaisquer e pela primeira vez na vida senti que fazia parte de uma equipa. Nessa altura ainda não o compreendia claramente, mas estava a começar a amar os meus amigos.

Quando sentimos muito sono, mesmo se estivermos de pé, é extraordinariamente difícil não adormecer. Reunimo-nos em silêncio muito antes de se ouvirem os sinos da capela e percebemos, sem que fosse preciso discuti-lo entre nós, que para o

que íamos fazer não tínhamos de esperar pela meia-noite. Podia ser às dez horas, por exemplo. Era questão de o inimigo estar a dormir.

Da segunda vez que tentámos matá-lo, conseguimos. Mas desta primeira vez ainda estávamos muito verdes e a nossa ingenuidade deitou tudo a perder. Às dez badaladas, subimos a escadaria principal, colados à parede, com um medo tão imenso entranhado no peito, que o coração quase nos saltava pela boca. Chegámos ao terceiro andar e, às escuras, decidimos por maioria que a terceira porta era a do quarto do Henricus. É que o escuro faz com que tudo seja diferente e começa logo a duvidar disto e daquilo.

— Têm a certeza?

— Sssim. Ou não?

E então ouvimos um barulho e transformámo-nos os quatro numa espécie de desenho estampado na parede. Quando a porta do outro lado do corredor se abriu, vomitou uma mancha de luz que pintou o chão e a figura do Henricus projectou uma sombra, ao sair de cinto na mão, recuando com a língua bizarramente de fora, olhando para o interior do quarto. Fechou a porta, fez com que o escuro voltasse, e avançou às cegas pelo corredor, até à terceira porta, aquela que nós estávamos a vigiar. Entrou silenciosamente no quarto, sem ligar a luz, e fechou a porta à chave. Não nos descobriu porque ainda éramos só meros desenhos na parede.

— Vamos: abrimos a porta e asfixiamo-lo.

— Não, ainda está acordado. Temos de esperar uma hora.

— Fogo, uma hora!

— E, além disso, está fechado à chave.

— Tens a certeza?

Logo a seguir ouviu-se um barulho muito perto e a porta do quarto do Henricus abriu-se. Só uma luz débil o recortava contra o escuro envolvente.

— Que diabo vem a ser...

Nunca descí umas escadas tão depressa, e ainda por cima às escuras, como nessa noite. Chegámos ao quarto número três em questão de segundos. Não sei por que razão o Henricus não desatou aos berros nem foi avisar as freiras, tendo-se limitado a descer, a entrar no quarto número três sem ligar a luz e a ficar ali um bom bocado a observar de vez em quando um menino adormecido para decidir se estava mesmo a dormir ou não. Foi horrível. Mas sobrevivemos os quatro. E o Henricus também. Decidimos esperar pelo Verão.

3

— Toni.

— Sim.

— Porque é que o Tomàs estás sempre a dizer que temos de lhe cortar a picha?

— Porque ele uma vez foi-lhe ao cu.

— Ah, ok.

— E disse que se ele o voltasse a fazer o matava.

— Antes ou depois de lhe cortar a picha?

Foram muitos anos, crescemos juntos, e a nossa quadrilha foi-se consolidando. O Tomàs liderava só com o olhar. E a cada dia que passava o Tu ia adquirindo mais prestígio, porque ia perdendo o medo mais depressa que o Ton e o Toni. Mudaram algumas freiras e as que partiram, esvoaçantes, nem sequer

nos disseram adeus, como se as suas vidas não tivessem nada a ver com a nossa realidade. O Henricus estava a ficar velho e começava a pensar duas vezes antes de se meter connosco, que já tínhamos uma tímida sombra escura nos lábios e fífias incontroláveis na voz. O que sobremaneira interessava ao Henricus era o banho dos mais novos. E a nossa quadrilha mantinha-se firme. O Ton, o Toni e o Tomàs, que sabia sempre tudo. E eu, que embora andasse sempre com a cabeça nas nuvens percebia que me sabia bem ir perdendo paulatinamente o medo. Aprendi muitas coisas: o Ton ensinou-me a pensar no futuro, o Toni, a dizer o que pensava, e o Tomàs contou-me tudo sobre o sexo, que aos treze anos era a única coisa que realmente importava. E ainda ninguém me tinha explicado por que motivo a minha mãe se suicidara. A primeira coisa que perguntaria ao meu pai no dia em que ele viesse seria pai, porque é que a mãe se suicidou. Mas como ele não vinha... Na verdade, nem sequer sabia se ele estava vivo. Talvez também se tivesse suicidado. E também enfrentei os olhos diabólicos da madre superiora três vezes, todas as três por causa de parvoíces relacionadas com o Henricus, como se ele fosse o nosso único inimigo. Tinham-no ali certamente para ser o inimigo oficial e deixar as freiras voar em paz. Percebemos que o Henricus tinha um fraquinho pelos miúdos louros, mas o nosso código moral impedia-nos de contar aquilo às freiras e ainda menos às famílias deles, no caso dos que tinham família. Até que um dia, quando vi um miúdo louro do primeiro ano a chorar desamparado, decidi ir plantar-me, sem perguntar nada a ninguém, à frente do olhar diabólico da madre superiora, que já não era assim tão diabólico, e ela recebeu-me com um o que é que aconteceu, filhinho, conta-me tudo, podes confiar em mim, e quando comecei a falar interrompeu-me

bruscamente e perguntou-me porque é que estás a difamar uma pessoa idosa? Hã? Hã? Tu olhou-a nos olhos, sem medo, e deixou passar uns segundos. Aquele silêncio soube-lhe bem. Tu não sabia, mas estava a dar uma volta importante à sua vida. Decidiu não responder à pergunta e em vez disso devolver-lhe uma outra:

— Difamar é mentir?

— Bem... É querer magoar... e...

— É que é verdade que o Henricus foi ao cu ao Tomàs. Há dois anos. No Natal.

— Esses maus modos não são permitidos, seu mentiroso!

— Ele que lhe mostre o buraco do cu e vai ver se é mentira.

Não quero que ele me faça o mesmo a mim.

— Malcriado!

— Como é que se diz, então? Foi a madre que me perguntou, não foi? — Naqueles dias, Tu apercebeu-se de que quando se acirrava era imparável. — Foi a madre que me disse conta-me tudo, podes confiar em mim, filhinho. Não foi? Pois eu limitei-me a obedecer. O Henricus viola os mais novos no banho, bolas, que raio! Olhe, aquele menino do primeiro ano está sempre a chorar, caraças! Que merda!

Uma chapada seca. Nem se apercebeu de que a superiora se tinha levantado para lhe chegar à bochecha e se tinha voltado a sentar, com a mesa pelo meio, como a serpente que ataca e recua muito depressa. Tu contou até cinco para se acalmar, tal como Tomàs lhe ensinara a fazer quando, atrás do poço, um dos rapazes mais velhos lhes ensinou quatro truques de judo para andarem pela vida.

— A Soror Matilde acreditaria em mim.

— A Soror Matilde já não está cá.

Tu, apesar de ter contado até cinco, sabia bem que a paciência era de pavio curto e nessa altura já era famoso pelos ataques de mau génio. Por isso, nesse dia, quando a madre superiora repetiu que não quero cá esses maus modos nem essas difamações, que não acreditava nada, nada, mas mesmo nada no que ele lhe estava a dizer, Tu desancou-a e deu grande ênfase às palavras nada agradáveis que lhe disse, como bom discípulo de Tomàs. Disse-lhe coisas horríveis, para ver se assim a convencia. É que, quando não tens nada a perder, também não tens medo.

Cela de castigo. Trancado na cela de castigo por um período de tempo que logo se vê.

— Porquê?

— Por seres malcriado, blasfemo, procaz e mentiroso.

Foi assim que se deu a sua metamorfose. Quando Tu entrou naquela cela de castigo repleta de teias de aranha nojentas, não verteu uma única lágrima, porque no fundo já sabia que aquilo era apenas o início de uma guerra em que já estava envolvido. E ouviram-se gritos e explodiram ataques de nervos pela casa, e ele sorria em silêncio como se fosse o Burt Lancaster, e logo ele que em toda a sua vida nunca tinha visto um único filme. E ouviu-se gente a correr a toda a pressa. E num bom dia a voz e os gritos de Henricus desapareceram e foram substituídos por um apito irritante que Tu aprendeu a odiar desde o primeiro momento. Aquilo acabou comigo a voltar para o quarto número três transformado em herói. Tu nunca mais teve medo, porque superara com distinção o olhar da superiora. E foi por isso que voltou do quarto das ratazanas com um sorriso de uma tal firmeza, que impressionou todos os colegas.

— Como é que o gajo do apito se chama? — perguntou, sem sequer olhar para eles, os três à sua volta.

— Ignasi, mas chamamos-lhe Ignatius.

— Certo. Ouve, Tomàs, o que quer dizer procaz?

— Não sei bem. Mas deve ser um insulto.

— Então a madre superiora insultou-me. Matamo-la?

Riram os quatro. Estavam contentes por estarem novamente juntos. Mas Tu, depois da heróica travessia do deserto, parecia o maior e o mais corajoso, e Tomàs começava a resignar-se a isso.

E os dias foram passando e iam-nos crescendo os braços e o corpo ia-se-nos enchendo de pêlos. E Tu teve um par de inevitáveis confrontos com Ignatius, que de vez em quando se encontrava com Henricus lá fora para que este lhe desse umas lições; de certeza que o Henricus lhe fazia a cabeça contra o linguarudo do Tu. Depois de umas quantas destas conversas profissionais, Ignatius começou a adoptar o costume, decalcado do de Henricus, de soprar o apito a um palmo da cara de Tu, como quem não quer a coisa. E Tu aguentava, sorridente, pois sentia-se muito acima do bem e do mal. Até que um dia, sorrindo, lhe respondeu com um murro na boca que o fez engolir o apito, e agora os rapazes riam porque Tu era o poder e Tu sentiu que estava tudo perfeitamente bem, não fossem os ses.

De vez em quando era Verão e muitas crianças desapareciam por algumas semanas e ficavam só os que como eu não tinham ninguém, absolutamente ninguém. E eu tinha aprendido, ou era pelo menos o que julgava, a não pensar no meu pai ou na minha mãe ou em quem quer que fosse, embora a casa estivesse mais sossegada. E foi assim que passaram uns quantos verões.

Era Ignatius quem, depois dos procedimentos correspondentes e do revolutedar de freiras de um lado para o outro a remexer em papéis, abria a porta gradeada e desejava boa sorte aos que, com o obséquio de uma pequena quantia no bolso, abandonavam a instituição por terem atingido a idade sem que nenhum familiar os tivesse reclamado. Em vez de lhe desejar boa sorte, como aos três ou quatro que o precederam naquela tarde de Verão, resmungou e cuspiu-lhe Tu, vai levar no cu. E Tu, que se sentia infinitamente poderoso com o dinheiro no bolso, encostou o seu nariz ao dele e disse-lhe queres que te volte a fazer engolir o apito, ó cara de cu? E, com toda a calma do mundo, atravessou a vedação da santa instituição que o tinha acolhido durante a infância e adolescência. Não o aquecia nem arrefecia ver-se na rua com as mãos nos bolsos e três moradas de potenciais empregadores. Antes de se dirigir para a paragem do eléctrico, pareceu-me ouvir o bater de asas de uma freira, mas não me virei para ver. Começava uma etapa gloriosa da minha vida e queria olhá-la de frente.

Ninguém abria a porta. Talvez fosse melhor assim, mas sabia que nunca mais voltaria a subir aquelas escadas. Pelo sim, pelo não, tocou novamente à campainha. Produzia um zumbido oxidado e carregado de pó. Olhou à volta, fitou o tramo de escadas escuras e silenciosas, com uma janela de vidros descoloridos e sujos em cada patamar. Não se lembrava de nada. Era como se nunca tivesse estado ali. Tocou outra vez à campainha. Por uns segundos, imaginou-se a dormir no patamar das escadas até que ele chegasse, se é que ainda estava vivo. E foi então que ouviu uns passos arrastando-se, ainda enérgicos, do outro lado da porta.

— Quem é? — A voz sumida, quase estranha.

Como resposta, voltou a tocar. Ouviu-se um rumor de ferrolhos e correntes e a porta abriu-se. Lá dentro, a luz era triste, e o homem que o contemplava com estranheza era um desconhecido.

— O que é que queres?

Tinha esperado tanto tempo por este momento e agora não sabia muito bem o que dizer.

— Olá.

O homem esforçava-se por vê-lo. Tirou uns óculos do bolso e meteu-os na cara. Olhou para ele sem perceber nada.

— Sim? — bufou impaciente.

— Disseste que me ias visitar todos os domingos. Em doze anos são muitos domingos.

— Quem és tu?

— E a cada domingo que passava eu dizia para mim mesmo: hoje, sim, hoje é que ele me vem ver e me vai trazer algodão-doce.

— Caraças, és mesmo tu. O que tu cresceste!

— Sim. E pensava: hoje é que o meu pai me vem ver e vamos tirar uma fotografia, como os meus colegas. Posso entrar?

— Está tudo bem? — disse o homem, sem o menor interesse.

— Todos os domingos esperei que fosse aquele o domingo em que me irias visitar. Mas nada. Andavas muito ocupado, não era?

— Bastante, sim.

— Posso entrar?

— Não. Tenho tudo muito...

— Vamos comer ao tasco aqui de baixo. Deram-me cinquenta pesetas.

— Caraças, muito te mimam eles.

— É para arranjar trabalho.

— Ah, quer dizer que já...

— Sim.

— Cresceste muito.

— E tu envelheceste muito.

Olhou para ele, esperando que o pai o deixasse passar.

— E então? — disse, impaciente. O homem estava meio atarantado, mas não descolava da porta, como se temesse que ela lhe caísse em cima. Tu insistiu: — O que é que queres fazer, pai?

— Ouve, eu agora estou muito ocupado. Seja como for...

— O que é que aconteceu à mãe? Porque é que ela se suicidou?

— É melhor não remexermos na merda, a sério.

— Porque é que ela se suicidou?

O homem engoliu em seco e tentou fechar a porta, mas Tu impediu-o com um movimento rápido.

— Voltaste a casar? Tenho irmãos?

— Não tens nada a ver com isso. — Fez um gesto com a mão como quem apaga um quadro. — O que lá vai lá vai.

Apeteceu-lhe cuspir-lhe nos pés. Imaginara três ou quatro reacções do pai, mas aquela era tão cruel, que nem lhe tinha passado pela cabeça. Um homem ainda brioso, com os óculos à beira de lhe escorregarem da ponta do nariz, cheio de pó e iluminado pela miserável luz de um apartamento mal ventilado e a cheirar a ranço, a dizer-lhe que o que lá vai lá vai... Tudo aquilo não ajudava mesmo nada. Tu deu meia-volta, sem cuspir, sem dizer nada, sem um insulto, contendo a raiva misturada com a dor. Lá em cima, noutra apartamento, alguém tocava piano. Ainda não tinha descido nem meia dúzia de degraus quando ouviu a porta a fechar-se, sem fazer muito barulho, um tanto timidamente, mas fechada para sempre. E então escapou-se-lhe uma lágrima não desejada, foi assim, mesmo que os homens não chorem.

QUANDO
A PENUMBRA
VEM

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Eigal, Indústria Gráfica,
em papel CoralBook de 90 g,
em Junho de 2019.